

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## Mulheres no cristianismo [Women in Christianity]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Moltmann Wendel, Elisabeth
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-30 18:22:26
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/162525">http://hdl.handle.net/20.500.12424/162525</a>

## Mulheres no cristianismo

Traduzimos e publicamos dois artigos do teólogo espanhol Juan José Tamayo. Ambos foram publicados no jornal espanhol *El País*, nos dias 13 e 21 de maio, respectivamente. O primeiro artigo apresenta o livro da teóloga Karen King, *The Gospel of Mary of Magdala: Jesus and the First Woman Apostle*, 2003 e agora traduzido para o espanhol e o segundo é uma reflexão teológica sobre o papel das mulheres, especialmente, *Maria de Magdala, nos primórdios do cristianismo*. E, por fim, traduzimos e publicamos o artigo A Maria Madalena bíblica, da teóloga alemã Elisabeth Moltmann-Wendel.

*Maria de Magdala, Jesús y la primeira apóstol*. Barcelona: Poliedro, 2006. Esta obra, escrita por Karen King, rompe totalmente com o discurso dominante acerca das origens hierárquico-patriarcais do cristianismo e das concepções uniformistas desta religião.

O artigo a seguir foi escrito por Juan José Tamayo e publicado em 13 de maio de 2006 no jornal espanhol *El País*. Tamayo é diretor da Cátedra de Teologia e Ciências das Religiões, da Universidade Carlos III de Madri, e autor de *Fundamentalismo y diálogo entre religiones*. Madri: Trotta, 2004 e *Nuevo diccionario de teología*. Trotta, Madri, 2005. De Tamayo, publicamos a entrevista que nos concedeu na edição 129ª da *IHU On-Line*, de janeiro de 2005, sob o título *Refundando a Teologia da Libertação*, um artigo sobre Dom Oscar Romero, na 133ª edição, de 21 de março de 2005, e outro artigo sobre pluralismo religioso, na 147ª edição, de 27 de junho de 2005. A edição 156, de 19 de setembro de 2005 trouxe na editoria *Teologia Pública* o artigo *O diálogo inter-religioso e a aliança de civilizações*, escrito por Tamayo e por nós traduzido do jornal *El País*, de 11 de setembro de 2005.

# Maria de Magdala, Jesus e a primeira apóstola

Por Juan José Tamayo

Em janeiro de 1896, o doutor alemão Karl Reinhardt<sup>31</sup> comprava, no mercado de antiguidades do Cairo, um livro em papiro, escrito em copta, em princípios do século II, - a autora é uma mulher? Talvez - que tem revolucionado as investigações sobre o cristianismo primitivo, especialmente no que se refere ao protagonismo das mulheres nas primeiras comunidades; protagonismo que contrasta com a invisibilidade e a marginalização de que hoje elas são objeto nas igrejas cristãs. Depositou-o no Museu Egípcio de Berlim. O egiptólogo Carl Schmidt levou a termo a edição crítica e a tradução alemã. Após muitos percalços, entre eles as duas guerras mundiais e as importantes descobertas de Nag Hammadi<sup>32</sup>, aparecia, em 1955, a primeira edição em língua alemã. Faltavam ao documento as seis primeiras páginas e mais quatro centrais. Tratava-se de *O Evangelho de Maria*, do qual Karen King<sup>33</sup>, catedrática na Universidade de Harvard, oferece uma nova tradução e um estudo rigoroso, cujo resultado é uma nova interpretação da mensagem de Jesus, alternativa à do discurso dominante.

<sup>31</sup> **Karl Reinhardt** (1886-1958): filólogo alemão. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>32</sup> **Nag Hammadi**: aldeia egípcia, conhecida como Chenoboskion na Antigüidade, cerca de 225 km ao noroeste de Assuan, com aproximadamente 30 mil habitantes. Nesta aldeia, foram encontrados, em 1945, manuscritos que ficaram conhecidos como biblioteca de Nag Hammadi, contendo textos do antigo gnosticismo. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>33</sup> **Karen King**: leciona História da Igreja na Harvard Divinity School. Escreveu diversos livros, entre eles, *The Gospel of Mary of Magdala (2003)*, *What Is Gnosticism?*, e *Revelation of the Unknowable God e neste ano, 2006, The Secret Revelation of John*. (Nota da *IHU On-Line*)

O texto atual de *O Evangelho de Maria* descreve o diálogo de Jesus com os discípulos após a ressurreição, sobre o fim do mundo, a natureza do pecado e a salvação. Entre eles, Maria de Madalena, que, após o desaparecimento de Jesus e ante a perturbação de seus irmãos, lhes apresenta os ensinamentos que ela mesma recebeu do Senhor numa visão. Ante o relato de Maria, os discípulos reagem de distinta forma. Pedro e André negam que ela tenha sido interlocutora de Jesus e acusam-na de mentir. Levi, em troca, defende-a e repreende Pedro pelo trato tão displicente que deu a Maria: “Se o Salvador a tornou digna, quem és tu para rechaçá-la? É um fato de que não se pode duvidar, que o Salvador a conhecia profundamente. Por isso, amou-a mais que a nós. O que deveria envergonhar-nos”. A atitude displicente de Pedro para com Maria vem coincidir com o intento de Paulo de calar as mulheres na assembléia cristã (1 Cor 14, 34).

O texto recupera um cristianismo desconhecido ou esquecido, talvez intencionalmente, e vem quebrar o discurso dominante sobre as origens hierárquico-patriarcais do cristianismo, da sucessão apostólica e do cristianismo uniforme. Mesmo contando com as elaborações imaginárias, este Evangelho oferece uma aproximação histórica mais rigorosa do que a do relato dominante. Desaparece a idéia de Maria Madalena como prostituta, tão presente no imaginário cristão, e aparece outra imagem bem distinta, a de Maria como mestra, discípula exemplar e consoladora, como líder e primeira apóstola, em comunicação direta com o Salvador por meio de uma pedagogia dialógica. *O Evangelho de Maria* põe em

questão, e mais ainda, nega o poder ilegítimo que se arrogam os discípulos varões e defende com argumentos sólidos a liderança das mulheres na comunidade cristã e sua relação direta com Jesus, sem a mediação patriarcal. Supera a imagem de um cristianismo

idílico e uniforme e descreve um cristianismo caracterizado pelas diferenças e pelos conflitos. E, o mais importante, não estabelece discriminação alguma por razões de gênero.

## Isto não é ficção: Maria Madalena foi uma pioneira

**Jesus Cristo esteve rodeado de um movimento de mulheres que tentavam emancipar-se do esquema patriarcal.**

**Por Juan José Tamayo**

As primeiras seguidoras de Jesus eram galiléias que se reuniam para comer, orar e refletir sobre religião e com o sonho de libertar a mulher em Israel. A atividade das mulheres foi determinante para que o movimento de Jesus continuasse após sua execução e se estendesse para fora do mundo judaico. Durante as últimas décadas, está se produzindo um forte movimento de recuperação da figura de Maria Madalena por parte de especialistas do Novo Testamento, de preferência mulheres que lêem os textos sob a perspectiva de gênero, de historiadores e historiadoras que levam a cabo uma reconstrução não-patriarcal dos primeiros séculos do cristianismo e da teologia feminista, com sua lúcida e certa hermenêutica da suspeita. Um papel fundamental nesta recuperação tem desempenhado os evangelhos chamados *apócrifos*, sobretudo os de caráter gnóstico, entre os quais cabe citar o Evangelho de Tomás, o Evangelho de Filipe, o Evangelho de Maria e Pistis Sophia. Também estão influenciando, e de maneira decisiva, pelo menos no imaginário religioso e social, algumas obras de ficção, centradas na relação amorosa entre Jesus e Maria Madalena, sobre a qual os textos dizem muito

pouco e quase tudo é produto da imaginação. Entre estas obras cabe destacar a novela do escritor grego Nikos Kazantzakis (1885-1957), *A última tentação de Cristo*<sup>34</sup>, de grande qualidade literária, levada ao cinema sob a direção de Martin Scorsese, e, mais recentemente, *O código Da Vinci*<sup>35</sup>, de escasso valor literário, também convertida em película cinematográfica, que acaba de estrear e que está provocando um aluvião de condenações por parte de instituições católicas e do próprio Vaticano.

<sup>34</sup> **A última tentação de Cristo:** filme dirigido por Martin Scorsese com base no livro de Nikos Kazantzakis. Dentro da programação da Páscoa de 2006, o IHU exibiu esse filme em 25 de março, comentado pela MS Ana Maria Formoso, na série **Jesus no Cinema**. Sobre o assunto, confira a entrevista com Formoso na edição 172, de 20 de março de 2006, intitulada *O Jesus humano de Scorsese*. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>35</sup> **Código da Vinci:** filme dirigido por Ron Howard, estreou em 19 de maio no mundo todo. Na edição 181, de 22 de maio de 2006, A **IHU On-Line** publicou uma entrevista com o reitor da PUC-Rio, o jesuíta Jesús Hortal, intitulada *A polêmica de O Código da Vinci*, originalmente veiculada na página eletrônica do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias Diárias* em 20 de maio de 2006. Na mesma edição o Prof. MS. Gilmar Hermes resenha o filme para a revista. O filme baseia-se no livro homônimo de Dan Brown, publicado no Brasil em 2004 pela Sextante. (Nota da **IHU On-Line**)

Minha reflexão não segue os roteiros da ficção. É apenas uma tentativa de reconstrução histórica da figura de Maria Madalena nos primeiros séculos do cristianismo. Para isso, começarei pelo movimento de Jesus, do qual ela fez parte de maneira muito destacada.

### **Um movimento igualitário**

As atuais investigações sociológicas, de história social, de antropologia cultural e hermenêutica feminista sobre as origens do cristianismo situam o grupo de seguidores e seguidoras de Jesus no horizonte dos movimentos de renovação do judaísmo do século I, junto com os essênios, terapeutas, penitenciais e outros. Também o localizam dentro dos movimentos que lutaram contra a exploração patriarcal nas distintas culturas: grega, romana, asiática e judaica. Na história de Israel, houve intensas lutas protagonizadas por mulheres que desempenharam um papel político e cultural muito importante.

As primeiras seguidoras de Jesus eram mulheres galiléias, que se reuniam para refeições comuns, eventos de oração e encontros de reflexão religiosa, com o sonho de libertar toda a mulher em Israel. Foi precisamente essa corrente emancipatória do domínio patriarcal que possibilitou o nascimento do movimento de Jesus como discipulado igualitário de homens e mulheres, no qual estas desempenharam um papel central e não puramente periférico. A presença e o protagonismo das mulheres em dito movimento, reconhece a teóloga Elisabeth Schüssler Fiorenza<sup>36</sup>, foi da maior importância para a práxis de solidariedade na base. Sua atividade foi determinante para que o movimento de Jesus continuasse depois da execução do

<sup>36</sup> Elisabeth Schüssler Fiorenza: Teóloga alemã e uma das precursoras da Teologia Feminista. É autora de, entre outros, *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992 e *In memory of her. A feminist theological reconstruction of christian origins*. Crossroads: New York, 1992. (Nota da *IHU On-Line*)

fundador e se estendesse fora do mundo judaico.

As diferentes tradições evangélicas coincidem em assinalar que estas mulheres foram protagonistas em momentos fundamentais no começo, na Galiléia, perto da cruz, no Gólgota e na ressurreição, como primeiras testemunhas. A maioria das vezes, citam-se três nomes de mulheres dentro em um grupo feminino numeroso. É a mesma tendência seguida no caso dos varões (Pedro, Tiago e João). Com isso, pretende-se mostrar o lugar destacado que umas e outros ocupam na comunidade.

A mulher que aparece quase sempre citada em primeiro lugar no grupo das amigas de Jesus é Maria Madalena, que toma o nome de seu lugar de origem, Magdala, pequena cidade pesqueira da costa oriental do lago da Galiléia, entre Cafarnaum e Tiberíades. Ela é discípula de primeira hora, pertence ao grupo mais próximo de Jesus, ocupa nele um lugar proeminente, faz o mesmo caminho do Mestre até Jerusalém, compartilha do seu projeto de libertação e de seu destino. As mulheres que seguem Jesus costumam ser citadas nos evangelhos em referência a um varão; Maria Madalena, não: uma prova a mais de sua independência de toda a estrutura patriarcal.

A fidelidade ou infidelidade a uma causa e a uma pessoa se demonstra quando se está em má situação, na hora da perseguição e do sofrimento. Quando Jesus é condenado à morte, os discípulos varões fogem por temor de serem identificados como membros de seu movimento e terem a mesma sorte que ele. Somente as mulheres, que o haviam seguido desde a Galiléia, o acompanham no caminho para o Gólgota e estão ao seu lado na cruz. No grupo de mulheres, os evangelhos chamados *sinóticos* (Marcos, Mateus e Lucas) citam Maria Madalena em primeiro lugar. Ela é a discípula fiel, não de um Messias triunfante, mas de um crucificado por

subversão da ordem estabelecida, tanto religiosa como política.

### **Testemunha da ressurreição**

Os distintos relatos evangélicos coincidem em apresentar as mulheres como testemunhas da ressurreição e Maria Madalena como a primeira entre elas. É precisamente ela quem comunica a notícia aos discípulos, os quais reagem com incredulidade. Madalena cumpriu as três condições para ser admitida no grupo apostólico: ter seguido Jesus desde a Galiléia, ter visto Jesus ressuscitado e ter sido enviada por ele para anunciar a ressurreição. O reconhecimento de Maria Madalena como primeira testemunha do Ressuscitado explica seu protagonismo no cristianismo primitivo, no mesmo nível que Pedro, e até maior em algumas igrejas. Sem embargo, nas cartas paulinas e em outros escritos do Novo Testamento, o testemunho das mulheres já não aparece, e Maria Madalena é substituída por Pedro. Isso se deve a que a Igreja estava começando a submeter-se ao domínio masculino, que rapidamente começou a suprimir o importante papel que Jesus recomendou às mulheres.

O silêncio de Paulo e de outras tradições neotestamentárias da aparição de Jesus a Maria Madalena e a outras mulheres levou diretamente à sua exclusão dos âmbitos de responsabilidade comunitária. Apesar desse silêncio, contudo, as mulheres constituem a referência indispensável da transmissão da mensagem evangélica e, mais ainda, o elo para o nascimento da comunidade cristã. Sem o testemunho das mulheres, hoje não haveria igreja cristã.

### **Interlocutora preferencial**

Nos diálogos de revelação dos evangelhos apócrifos de tendência gnóstica, Maria Madalena aparece como interlocutora preferencial do Cristo ressuscitado e irmã de Jesus, discípula predileta e companheira do Salvador.

Essa posição privilegiada provoca ciúmes em alguns apóstolos, especialmente em Pedro, que, segundo o apócrifo Pisis Sophia, reage nestes termos:

“Mestre, não podemos suportar Maria Madalena, porque ela nos tira todas as ocasiões de falar, e a todo momento está perguntando e não nos deixa intervir”.

Apóstola de apóstolos é o título que dá Hipólito de Roma<sup>37</sup> a Maria Madalena, o qual não considera as mulheres como mentirosas, mas como portadoras da verdade, e chama-as apóstolos de Cristo. Na mesma linha, expressa-se São Jerônimo<sup>38</sup>, que reconhece a Maria Madalena o privilégio de ter visto o Cristo ressuscitado “inclusive antes do que os apóstolos”. Sem embargo, com o processo de patriarcalização, clericalização e hierarquização do cristianismo, Maria de Magdala foi relegada ao esquecimento e, mais ainda, representada como a penitente e a serva de Jesus, em agradecimento por haver dela expulsado os maus espíritos. Melhor sorte teve Maria de Nazaré, mãe de Jesus, que foi declarada Mãe de Deus, elevada aos altares e tratada quase com honras divinas.

Vinte séculos mais tarde, volta-se a fazer justiça a Maria Madalena. O que falta é vencer as resistências do pensamento androcêntrico e da organização patriarcal da maioria das Igrejas cristãs, e recuperar, na prática, a tradição do movimento de Jesus como discipulado de iguais, embora não como clones.

<sup>37</sup> **Hipólito de Roma** (160-235 d. C.): grande teólogo romano, presbítero e defensor extremado da fé católica. Fez oposição acirrada ao papa Zeferino, que na sua opinião, não estava suficientemente preparado para detectar e denunciar as heresias que atentavam contra a Igreja de Roma. Hoje é venerado como santo. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>38</sup> **São Jerônimo** (340 – 420 d. C. ): conhecido sobretudo como tradutor da Bíblia do grego e hebraico para o latim. A edição de São Jerônimo, a *Vulgata*, é ainda o texto bíblico oficial da Igreja Católica Romana, que o reconhece como Padre da Igreja (um dos fundadores do dogma católico) e ainda doutor da Igreja. (Nota da *IHU On-Line*)

# A Maria Madalena Bíblica

Por Elisabeth Moltmann-Wendel

Com o thriller *O código da Vinci* retorna Maria Madalena, mas retorna em sua fantasiosa história, muito comentada nestes dias. Mas, a figura de Maria de Magdala tinha sido redescoberta pela *Pesquisa das mulheres* no âmbito da teologia feminista. Aqui reproduzimos algumas páginas documentadas pela teóloga Elisabeth Moltmann-Wendel, no livro dedicado a **Le donne che Gesù incontrò** [As mulheres que Jesus encontrou] Brescia: Queriniana, 1989, 2000 em terceira edição.

Elisabeth Moltmann-Wendel, se formou em Berlim e na Göttingen Evangelische Theologie. É autora de vários livros na área Mulher-Teologia- Feminismo- Teologia feminista.

Maria Madalena se chama, na verdade, somente Maria, e seu apelativo deriva de seu lugar natal, Magdala, uma operosa cidadezinha à margem do lago de Genesaré, onde o comércio era florescente. Uma grande indústria pesqueira ocupava os habitantes, gerando bem-estar e variedade de vida. Para quem vive, porém, a vida entre véus negros, para quem sofre de perturbações de consciência, crises e depressões, um lugar semelhante a esse é uma dolorosa contraposição à própria realidade.

Maria Madalena sofria de uma grave doença mental e fazia parte daquelas mulheres que ingressaram na comitiva de Jesus após uma cura. Se tentarmos imaginar-nos a cura, pode ser que ela tenha ocorrido de maneira semelhante a outras curas. Jesus a tocou, talvez a tenha abraçado, feito levantar-se, como fizera com sogra de Pedro, com febre, ou com aqueles que eram possuídos por demônios. Falou-lhe e ela sentiu tangivelmente proximidade e contato. O seu isolamento cessou, graças às palavras encorajadoras de Jesus. Tornou-se novamente ela mesma, livre para experimentar sentimentos, tomar

decisões e viver de novo o mundo em torno dela; livre para alegrar-se e aprender a viver de um modo novo. Não retorna, todavia, à sua velha situação: deixa Magdala, sua cidade natal, cujo nome, no entanto, a acompanhará sempre. A cura da enfermidade se transformou para ela em salvação: sente a salvação e se sente bem. As duas coisas são entrelaçadas uma na outra, e ela faz perceber tal salvação ao grupo de Jesus; comunica-lhes o seu bem-estar.

As coisas ocorrem diversamente para os homens, que são arrancados do seu trabalho para iniciar uma vida itinerante. Não temos conhecimento de nenhuma cura de discípulos que se tenha transformado numa vocação. Lucas conta também de outras mulheres curadas por Jesus, que o seguem, e Marcos descreve a cura da sogra de Pedro, o qual, em consequência, “serve” Jesus, isto é, segue o seu estilo de vida. As mulheres são tocadas pela seqüela na sua inteira existência. Dão-se integralmente e consagram-se ao novo.

Este “servir” é contado também no caso de Maria Madalena: como Jesus a serviu, assim ela o serve agora. Veremos, a seguir, quão pouco este servir do primeiro grupo das mulheres tem a ver com o moderno servir atribuído como específico ao sexo feminino. Para entender Maria Madalena, devemos ter presente quão estritamente tal servir esteja ligado à troca recíproca de contatos físicos, de vizinhança humana, de calor corpóreo e de presença terapêutica.

### **Atitude de comando**

Nas fantasias dos homens, ela aparece em geral núbil, jovem e bela. Talvez, porém, já estivesse avançada em anos, tivesse um matrimônio atrás de si, do qual provinha o dinheiro com o qual ajudava o movimento de Jesus e trazia os sinais da doença apenas superada. Não o sabemos. Em todo o caso, deve ter havido fascínio, calor e compreensão humana, seja que sua atração tenha sido a de uma mulher jovem ou a de uma anciã. De outra forma, como teria conseguido reunir um grupo de mulheres obstinadas, de diversas idades, separadas de suas famílias? Todos os quatro evangelhos citam sempre em primeiro lugar o seu nome, quando falam do grupo das mulheres. Podemos, por isso, pressupor que ela tenha tido um papel primário e que tenha agido como elemento integrante. Podemos facilmente imaginar quantos conflitos deva ter havido entre as mulheres que haviam renunciado aos laços familiares, entre o grupo dos homens e das mulheres e, não por último, com o mundo exterior, para o qual a presença daquelas mulheres era uma provocação.

Maria Madalena tem atitude de comando e, segundo o evangelho de Lucas (*Lc 8,3*), levou consigo um patrimônio. Como no caso de Joana, por seu intermédio chega ao interior do movimento de Jesus, ligado à classe média, algo de cidadão. As mulheres

judias, por primeira vez sem a proteção da família patriarcal, se dispõem às suas ordens. Ela é hábil, age de modo convincente. Sabe falar, e não lhe é difícil ser uma autoridade. Dos evangelhos se percebe mais tarde como o aumento de tal soberania sempre tenha incomodado os discípulos e, sobretudo Pedro.

Entre a cura e a crucifixão de Jesus, não ficamos sabendo de mais nada. Talvez o seu corpo debilitado se fortaleça com a vida itinerante. Em todo o caso, vive do entusiasmo e da firma convicção que o tempo da salvação chegou, e todas as ilusões que começam a atormentar os discípulos não a atingem. Os evangelhos que, aliás, dão preferência a cada uma das diversas heroínas, são concordes em narrar que ela estava sob a cruz com as mulheres, que estava presente ao sepultamento e que chegou por primeiro ao sepulcro na manhã de páscoa.

E com isso inicia sua particular relação com Jesus. No interior do grupo privilegiado de mulheres, há, ainda uma vez, uma posição particular. Jesus ressuscitado aparece a ela e lhe confia a tarefa de referi-lo ao grupo dos discípulos. A este encontro Mateus acrescenta ainda a presença da “outra Maria”, mas, tanto o autor do último capítulo de Marcos, como João contam um único e sensacional encontro entre Jesus e Maria Madalena, que inaugura o seu papel especial para todos os tempos.

Enquanto Maria Madalena e as mulheres ainda sentem a vizinhança física de Jesus, permanecem inabaláveis em sua fidelidade e em sua capacidade de resistir. O corpo moribundo, morto, o corpo a sepultar e ungi-lo a ele. A gélida perturbação inicia somente quando elas, na manhã de páscoa, chegam ao sepulcro e não encontram mais o corpo de Jesus.

Somente a partir desta relação especial, humana e pessoal com Jesus, torna-se compreensível, a meu ver, o encontro de Maria Madalena com o Ressuscitado. João, que privilegia os amplos diálogos entre Jesus e as mulheres, representa a cena – sempre de novo reproduzida em quadros – que se desenvolveu junto ao sepulcro. Maria Madalena, completamente só, em lágrimas, ouve uma voz que lhe pergunta por que chora. Credo que se trata do jardineiro, lamenta-se que o corpo do seu Senhor tenha sido levado embora. Somente quando Jesus a chama pelo nome, “Maria”, ela o reconhece e solta um grito: “Mestre!”

**“Não me toque! Ainda não voltei ao meu Pai.”**

Até agora, é tudo compreensível, razoável, claro. Mas, aí chega a frase estranha, fria, antipática, que destrói todo o sentimento de felicidade que estava retornando: “Não me toque! Ainda não voltei ao meu Pai”. Os teólogos que se afadigaram em torno desta cena, atenuaram-na, entendendo-a positivamente, vista em lógica contradição com os outros encontros do Ressuscitado, por exemplo, com aquele no qual Tomé é convidado a pôr a mão na ferida que Jesus tem no peito, ou com aquele, no qual as mulheres lhe abraçam os pés. No moralismo do século dezenove até se fez referência à periculosidade sexual de tal contato.

Não é possível ocultar o *choque* que tais palavras trazem consigo. Não se trata mais de Jesus ternamente próximo, não se pode mais tocar e ungi o seu corpo: ele não se deixa mais trazer de volta e reter. Maria Madalena não pode mais abraçá-lo espontaneamente.

A continuidade que as mulheres desejam é interrompida. A ingenuidade da fé e da confiança infantil está morta. Não fala o velho Adão, do qual fala a dogmática masculina, tão pouco convincente para as mulheres. Trata-se, antes, de um elemento de imediatismo,

de inteireza, de resolução, de espontaneidade, e de um elemento de fidelidade e de perseverança infantis. Um elemento de confiança, nesta terra, na imortalidade e na vida eterna.

Maria Madalena viveu, como nenhum outro, a salvação de modo corpóreo. Amou Jesus pessoalmente, sem ele a vida não lhe parecia vivível. Demonstrou possuir tenacidade e saber estar de pé. Jamais duvidou dele, mas agora começa a confundir-se. Não é o Messias morto que a faz desesperar, mas somente o fato que o corpo de Jesus tenha desaparecido. Aqui experimenta a morte, a quebra da sua existência.

Gostaria de traduzir o “Não me toque!” por “Amadurece! Cresce! Aceita a dor da separação!”.

“Por que procurais entre os mortos aquele que vive?“, pergunta o anjo às mulheres no evangelho de Lucas. É a mesma mensagem, e significa: “Onde procurais a continuidade, ali está a morte. Onde vos mudais a vós mesmos, ali está a vida”. O “pecado” feminino não é o orgulho, mas a obstinada adesão. A fé espontânea das crianças, embora possa parecer sólida e durável, deve transformar-se e enfrentar a dor da separação. Somente assim se pode crescer e amadurecer.

A voz ainda é próxima e familiar e nesta voz Jesus é ainda o mesmo. E, com esta voz ele lhe confia uma tarefa que não elimina a distância, mas que a torna compreensível: o seu Deus é ainda o Deus de todos eles; o seu Pai é ainda o Pai de todos eles. A mudança que parecia insuportável se torna agora suportável. Maria Madalena deve ir contar sobre a nova distância e a nova proximidade. Dor e medo a acompanham: as coisas não são mais como eram antes, mas, esperam-na uma nova tarefa e uma nova comunidade.

Refletiu-se pouco, até agora, sobre as experiências de Deus vividas pelas mulheres. No início da experiência dos discípulos está a traição, e a dialética da teologia masculina se baseia sempre sobre as dialéticas traição-conversão. No início da experiência de Maria Madalena, está a cura corporal. A ela aconteceu a totalidade. É acolhida de corpo, alma e espírito na comunhão com Jesus. Por isso não foge, por isso permanece. E por isso se desespera quando esta vizinhança não é mais perceptível. No encontro com o Ressuscitado, ela vive a dor. A dor que as coisas velhas passam, que nada é repetível e que somente assim pode acontecer o novo. O conflito da mulher, a dialética feminina, que não é inata, mas antes inculcada, e que diz respeito a experiências sociais, está entre o deter e o deixar andar, entre o persistir e o descerrar.

Maria Madalena é considerada como o primeiro apóstolo. Como primeira, anunciou o Evangelho de Jesus Ressurgido. Isso se conservou até a Idade Média, mas o que foi esquecido foi a sua mensagem. Junto à teologia e à experiência patriarcal chega hoje a teologia e a experiência das mulheres. O que tem a nos dizer a mulher curada que reúne em si amizade e dedicação, *eros* e *ágape*? Que se mantém ligada a esta terra e às suas relações até o último e que exaure todas as suas esperanças? Que experimenta a ressurreição no fato de descobrir que não devemos nos fossilizar neste âmbito, e sim aprender a abrir-se a uma nova comunidade. A teologia de Maria Madalena ainda não foi escrita. Talvez o conseguirão as mulheres de hoje.